

# SUPLEMENTO CULTURAL

Sob a responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Coordenação: Geraldo Ramon Pereira - Contato: (67) 3382-1395, das 13h às 17h | www.acletrasms.org.br

## CRÔNICA COM UM AMIGO

**HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO** - presidente da ASL, Cadeira nº 10

Estou nas escuras pistas do aterro, nessas seis horas de fim de dia. São horas gazentas, horas de rush, horas do desaperto da gravata (de quem as usa). Da janela direita do meu carro admiro, no fim do arco de uma passarela e ao fundo dos campos de pedrada, o iluminado edifício da Bloch, tradicional abrigo de jornalistas desconhecidos. Algumas dessas luzes fluorescentes, dezenas vistas daqui, todas empilhadas em andares, devem estar iluminando a máquina de escrever e um papel datilografado com uma imagem metafórica qualquer de um grande amigo meu, Dênis de Moraes. É isso aí, parceiro: você aí, e eu nesse big trânsito a me irritar.

Pela hora, acredito até que já esteja abandonando a redação e se dirigindo ao ponto da condução. Se raciocinasse melhor na Avenida Rio Branco, teria tomado a pista de dentro, pela Glória, e dado uma carona a ele. Mas talvez tenha sido razoável o trajeto processado: no ônibus, o Dênis é um grande observador do mundo, tudo acontece à sua frente, do medíocre ao ato revelador de personagens, e como ele aproveita essas chances muito bem, não lhe faz falta outro tipo de condução nesses dias de hoje. Me desculparei com ele dentro em pouco, quando, provavelmente, iremos trocar algumas palavras no quase diário telefonema das sete, sete e meia. Nele, discutiremos a morte do futebol, o homem insepulto, a mulher que não nasceu, o existencialismo e a bulinagem. Xingaremos também os incompetentes.

Mas é incrível como estou vendo o Bairro do Flamengo como o vi certa vez numa feliz crôni-

ca do instável José Carlos Oliveira (o verdadeiro alienado vive o real), em meio a esse acender de luzes frias (antigos lampiões). Outra vez? Não tem nada, mesmo o ritual de atropelamento na Praia de Botafogo não vai me estragar o dia. É normal. Sabe, com todos esses mutilados entrando no Miguel Couto, com o Nelson Rodrigues acabando de apodrecer mais um personagem, eu só posso estar é em Copa, em casa, na minha escrivania, comendo alguma coisa e escrevendo sensações.

É, Dênis, a ilusão da vida é grande, As delusões jornalísticas, muitas. E, sabe de uma coisa, apesar da atual profusão, os poemas são poucos para os instantes do mundo. Raros são os que conseguem captar o importante. Você é capaz de ver aquele mendigo aquecendo uma espécie de marmita debaixo do viaduto da Central? Eu sei muito bem que lá não tem viaduto nenhum, mas a Central é sangrenta o bastante para a imagem.

É. Eu nada faço agora. Deixe-me lembrar quais as novidades para já, já. Nada de especial, mesmo. O teatro, o cinema, a música, os sonhos, as maresias e os porres. E, como não podia deixar de ser, exaltaremos nosso desampontamento não com a vida, mas sim com os ditos viventes. Concordo plenamente que os espectadores desse palco, como nós, deveriam ser pagos para apreciá-lo.

Rapaz, como essa cadeira na qual meu pai já sentou um dia está incômoda hoje! Mas, afinal de contas, alguma novidade? Não, bicho, nada de novo. As mesmas notícias de sempre das primeiras páginas dos jornais de amanhã, as velhas artes recentemente disfarçadas para o consumo, o ocioso acomodamento geral.

E em meio a essas batidas de teclas toca a campainha telefônica, nessas sete e meia de



Centro do Rio visto do Aterro (1970)

“Algumas dessas luzes fluorescentes [...] empilhadas em andares, devem estar iluminando a máquina de escrever e um papel datilografado com uma imagem metafórica”

princípio de noite. Peço licença. Ou é um corpo de mulher que se apresenta (elas só me ligam a essa hora), ou é o ex-poeta, hoje romancista, amanhã sei lá o quê da língua portuguesa. Vamos ver. Aguarda só um instante, ô Dênis, que eu estou acabando rapidamente aqui. Já estou atendendo... Hoje, eu posso falar de uma crônica onde pude utilizar o nome de um imortal amigo, uma dessas pessoas que não se fabricam mais nesse mundo, não é, ô Dênis? Alô?

sonho de amor”.

Abri um farto sorriso, sem contudo olhar o poeta, fixei o olhar no Cruzeiro já prateado pela lua e, solenemente, deposei a vela acesa, dentro da capelinha, aos pés da Santa. Contrito, em êxtase, notei duas lágrimas nos olhos da Santa. Disse para mim mesmo: “Quando morrer, com certeza vou para o céu”.

No cocuruto do morro, promessa cumprida, fui atalhado pelo coronel: - Acendeste a vela uma única vez, feito glorioso este. Avante! O futuro te espera... Serás grande...

As palavras do coronel, há mais de meio século, reboam ainda dentro de mim. Aqui em Campo Grande, escrevo “minhas coisinhas”, ensaio até ser “fazedor de versos”, porém, para ser grande, era necessário ter nascido com o nome de Manoel de Barros, Maria da Glória Sá Rosa, Rubenio Marcelo, Geraldo Ramon Pereira, ou do contista de escol José Couto Vieira Pontes. Sou, a pedido de D. Amélia, um eterno “pagador de promessa”.

## Vela que não apagou

**REGINALDO ALVES DE ARAÚJO** - ex-presidente da ASL, Cadeira nº 21

Meu coração está cheio de verdades. Uma delas me diz que a vida é uma saudade. Todas as minhas adoráveis estão nela. Ela é a música que gosto de ouvir. Com ela aprendi a cultivar o amor, a beleza e a bondade.

- Regi, filho querido - cochichou D. Amélia no leito de dor - Acenda esta vela no pé do morro, suba, sem que ela apague, bote nos pés da Santa, no santuário de Santa Rita de Cássia. Pague a promessa por mim.

Com ternura tomei-lhe a vela, acariciei suas mãos delgadas. A mãe mais linda do mundo curvou-se para o beijo e vi-lhe duas lágrimas nos negros olhos. Corri a cumprir minha missão. Postei-me na subidinha do morro mais famoso do lugar onde o coronel Chico de Sá erigiu, para suas orações, a capela de Santa Rita de Cássia, bem no cume, ao lado de um majes-

tosso Cruzeiro que, em noite de lua cheia, podia ser visto de qualquer ponto da cidade de Itabaiana, no agreste paraibano.

Dei início à hora mágica, num rapto de alegria incoercível, acendi a vela na mão direita, a esquerda, em forma de concha, protegia a débil chama, a face iluminada, enquanto no horizonte já se acentuavam as tonalidades do crepúsculo. Nos primeiros dez passos o sol inventou de mergulhar na magnífica apoteose do acaso, assemelhando-se a uma chama fenomenal de ouro derretido. Por fim, apagou-se de todo a luz do céu.

Faltavam poucos passos para a chegada, a chama consumira a metade da vela, dentro de mim o referver de ansiedade de um menino de nove anos quando, surpreendentemente, o silêncio foi cortado pelo neto do coronel Chico de Sá, que se dizia repentista: “Dormindo em pensamento/Minh’alma se inspirou/O fluido da inspiração/Na minha mente gotejou/Cada pinga que descia/Era uma poesia/Era um

## A Literatura infantojuvenil de Lori Alice Gressler

**PAULO NOLASCO** - Cadeira nº 20 da ASL

Eu escrevi um texto singular por ocasião de um colóquio que retomo hoje. Este texto foi intitulado “Sobre o conto-sonho de Alice - A Princesa do Conto: Era uma Vez...”. E iniciou-se com a seguinte epígrafe de Florbela Espanca, extraída do seu poema “Conto de Fadas”: “Eu trago-te nas mãos o esquecimento/Das horas más que tens vivido, Amor!/[...] - Eu sou Aquela de quem tens saudade,/A Princesa do conto: ‘Era uma vez...’”. A epígrafe serve ao meu propósito de refletir sobre o “tema” da amizade, para além do tema de Alice. Não à toa, escolho a epígrafe de um soneto que refere um conto, pois que esses dois textos/gêneros têm como temática da realidade um objeto em comum: ambos tratam, em seus respectivos universos de discurso, da temática do maravilhoso e, grosso modo, dos contos de fadas.

Acabo de ler os livros infantojuvenis da educadora e excelsa personalidade que constitui a nossa maior escritora desse gênero. Vendo que ninguém se habilitara a escrever sobre ela, eu, com meus pretensos dotes de crítico literário, resolvi fazer-lhe uma mais que merecida homenagem. Tardava alguém se propor a sedutora tarefa de ler seus livros e atribuir-lhes algumas anotações. Enquanto lia, lembrei-me do antológico conto de Virginia Woolf “A Enfermeira Lugton”, no qual a enfermeira bordava uma toalha pintada com todos os animais

e aves do Jardim do Éden quando cochila e o rebanho ganha vida e volta a povoar a Terra. Ao acordar do belo sonho, todos eles correm e voltam à toalha.

Os livros de Lori Gressler foram publicados na seguinte ordem: “O Dia em que as Crianças Perderam a Memória” (2001); “Se os Objetos Falassem” (2002); “O Monstro que Comia Números” (2000); “As Lições da Natureza” (2000); “O Amigo Quase Invisível (2008)”;

“O Gigante e as Sementes” (2008); “O Louro e o Gavião” (2011); “O Mistério do Violino” (2011); “Lembranças do Meu Avô” (2013); “A Mochila Falante” (2015); “Os Dinossauros de Minha Avó” (2015); “As Aventuras de Tufão” (2016); “A Família da Galinha Bibica” (2019); “Nioaque, Município de Muitas Denominações” (2020); “A Sucuri e o Cabritinho Faisca” (2022). Cada um em seu universo de discurso peculiar.

Abstenho-me de comentá-los um por um. Também não se pode dizer que são propriamente textos para crianças, apesar de ser essa a sua etiqueta, porém sua formatação tem a feição de crônica, à maneira de nosso cronista mais saboroso, Rubem Braga; ou de conto, pois que seja conto tudo que o leitor assim o batizar, como lembra nosso Mário de Andrade. Os textos escritos dos livros rivalizam com a pintura preenche de significados da ilustradora Izabel C. S. de Vargas, bem como a revisão de Luiza Mello Vasconcelos.

Em cada um dos livros, Lori traz uma epígrafe muito significativa, ora dedicada aos seus fi-

lhos e netos, ora a seus avós que muito lhe inspiraram. Por vezes, o texto escrito se sobrepõe às ilustrações, daí configurando sua feição cronística. O livro sobre a cidade de Nioaque impressionou-me, pois ignorava a riqueza da cidade, que é um parque arqueológico onde os dinossauros teriam habitado a cem milhões de anos atrás. Sobre isso, Lori contou com o arquivo paleontológico de Gilson Rodolfo Martins, meu antigo colega na universidade.

Decerto que, por todas essas razões, os livros prendem o interesse de seus leitores, uma vez que, além de estimularem a memória das crianças, lhes ensinam a guardar e a preservar a memória das ruas, dos logradouros, dos monumentos e resgatar sua árvore genealógica. Além, sobretudo, de aprenderem os nomes das mais diversas aves e animais das florestas, como na história do papagaio que recolheram e trataram para depois soltarem-no na floresta.

Após ser perseguido por um gavião, o papagaio volta para casa gritando a única palavra que aprendera, “socorro”, assim, o gavião vai habitar a gaiola que outrora fora abrigo do papagaio, até que sarasse e fosse solto, pois a batida que deu na janela de vidro, quebrando-a, deixou-lhe com a asa quebrada. As histórias da vovó Vitória e do vovô enchem a criança de imaginações e ensinamentos sobre tudo e todas as diversidades de pessoas e animais tropicais e lhes ensinavam a fazer doces e comidas as mais variadas possíveis.

## +POESIAS

### Sol de Outono

Nesta tarde,  
Ando pelo jardim fechado,  
O sol de outono  
Em breve dará lugar  
Às constelações.  
Conto os frutos  
Que transbordam das cornucópias,  
Os crisântemos, os girassóis.  
Nesta tarde  
De sol de outono  
Em pleno declínio,  
Conto os frutos e as flores;  
As folhas secas que caíram,  
Não conto,  
Apenas abandono.

**RAQUEL NAVEIRA**

### Treinamento

Todos os dias  
poeta faz treinamento.  
Afina o olhar  
e afia o verso.  
Precisa manter-se em forma.

Em nítida simbiose  
entre um pensar e outro  
interage com o instante  
tateia o verso invisível  
e vai  
escrevendo adiante.

**ILEIDES MULLER**

### A poesia

a poesia, senhores,  
é de carne e osso.  
tem cabeça, tronco, membros  
e pescoço.

a poesia também urina  
meus amores  
e defeca.

Ela nasce, cresce (às vezes fica careca)  
e termina.  
depois de morta  
a poesia seca.  
só não se sabe senhores  
(e por isso se tem vida aflita)  
é se a poesia ressuscita?

**SÉRGIO FERNANDES MARTINS**

### Persistência

Bordava todos os dias  
com lantejoulas  
sem conhecer maldade.  
Mãos rudes, perversas,  
destruíram o bordado inacabado.  
Ficou o tecido rasgado,  
fincado de agulhas.  
Pedregulhos de lágrimas  
molharam as rendas...  
Pegou-o em suas mãos.  
Olhou para o céu,  
rogou em rosários  
debulhados de dor...  
Divina luz a cobriu.  
O tecido se reconstituiu  
e com seu doce semblante  
continuou bordando  
com diamante.

**ELIZABETH FONSECA**

### Microtexto

No sal do cocho,  
Só o ferro em brasa,  
Sem alforria alguma  
Dos seus senhores...

**HUMBERTO ESPÍNDOLA**